

A PREVENÇÃO: A ARTE DE COMBATER A DEPENDENCIA QUÍMICA

Edimar Campelo Araujo*

RESUMO

Na atualidade, discutir o uso abusivo de drogas na sociedade brasileira tornou-se uma prática comum nas rodas de conversas. A visão preconceituosa da temática em questão é repassada para o âmbito judicial, ignorando o influente papel da prática do uso de seus causadores no seio da saúde pública, tornando-se assim um problema social, de maior gravidade, na família, na escola e na sociedade em geral o que demanda ações políticas e sociais, integrando práticas preventivas, de controle e de tratamento. Nesta perspectiva o presente trabalho discute A prevenção: a arte de combater a dependência química. Por esta razão, a pesquisa teve como objetivo analisar não somente as implicações causadas pelo uso de drogas mais também uma leitura do ponto de vista teórico e prático das possibilidades de prevenção em uma investigação junto aos usuários internos em uma das unidades de tratamentos da Fazenda da Paz em Teresina-Pi. A pesquisa foi de natureza quali-quantitativa, bibliográfica e de campo, utilizando-se de observação e questionários fechados com o intuito de se obter informações do campo de estudo. Um aspecto de grande relevância, identificado não somente na parte empírica da pesquisa, como também nas literaturas, é o reconhecimento de que a participação da família é fundamental não somente na prevenção, como também no tratamento e na recuperação dos dependentes químicos.

Palavras-chave: Prevenção. Dependência química. Combate.

PREVENTION: THE ART OF COMBATING CHEMICAL DEPENDENCE

ABSTRACT

At present, discussing drug abuse in Brazilian society has become a common practice in the conversations circle. The biased view of the issue in question is passed on to the judicial scope, ignoring the influential role of the practice of the use of its causers within the public health, thus becoming a social problem of greater severity, in the family, in the school and in society in general what demands political and social actions, integrating preventive practices, treatment and control. With this in mind the present work discusses the prevention: the art of combat chemical dependency. For this reason, the survey aimed to analyses not only the implications caused by the drug use but also a theoretical and practical reading of the possibilities of prevention in an investigation with the internal users in one of the treatment units of the Fazenda da Paz em Teresina-Pi. The research was qualitative, bibliographical and practical, by using observation and questionnaires with the aim of obtaining information from the field of study. An aspect of great relevance, identified not only on empirical part of the research, as well as in literature, is the recognition that the family is fundamental not only on prevention, but also in the treatment and rehabilitation of drug addicts.

KEYWORD: Prevention. Chemical dependence. Combating.

* Educador Físico (UESPI) e Historiador (UFPI) Mestre em Ciências da Educação .Doutorando em Educação Especialista em Educação

LA PREVENCIÓN: EL ARTE DE COMBATIR LA DEPENDÊNCIA QUÍMICA

RESUMEN

En la actualidad, discutir el uso abusivo de drogas en la sociedad brasileña se há convertido em una práctica común em lãs ruedas de conversaciones. La visão preconcebida de la temática em cuestión se translada al âmbito judicial, ignorando el influyente papel de la práctica del uso de sus causantes em el seno de la salud pública, haciendo asi um problema social, de mayor gravedad, em la familia, em la escuela y em la sociedad engeneral ló que demanda acciones políticas y sociales, entegrando prácticas de controle y de de tratamiento. Em esta perspectiva el presente trabajo discute La prevención: el arte de combatir la dependência química. Poe esta razón, la investigación tuvo como objetivo analizar no solo las implicaciones causadas por el uso de drogas sino tambien una leictura desde el punto de vista teórico yde lãs posibilidades práctico em una investigación de prevención junto a los usuários internos een uma de lãs unidades de trtamiento de la hacienda de la Paz em Teresina PI. La investigación fue de naturaleza cualitativa e cuantitativa, bibliográfica y de campo, utilizando la observación y el cuestionário cerrado co el propósito de obtener informaciones Del campo de estúdio. Un aspecto de gran relevância, identificado no solo en la parte empírica de la investigación, sino también, en las literaturas, ES el reconocimiento de que la participación de la familia es fundamental no solo em la prevención, como también em el tratamiento y la recuperación de los dependientes químicos.

Palabras-clave: Prevención. Dependencia química. Combate.

1 INTRODUÇÃO

No aspecto da prevenção, a informação, o apoio familiar, o meio de convivência e as relações afetivas fortalecidas podem fazer toda a diferença. Os mecanismos de enfrentamento desta realidade são diversificados, no entanto, se faz necessário que as instituições escolares estejam melhor aparelhadas para contribuir na proposta de prevenção antidrogas entre escolares, integrando práticas preventivas.

A escola tem por obrigações capacitar-se para enfrentar o maior mal evitável do século, as drogas. Queria ou não seus alunos vão entrar em contato com as drogas. Diretamente ou com pessoas que as usam, ou com informações que bombardeiam o cotidiano deles. A escola precisa ajudar os estudantes a fortalecer a opinião contraria ao uso. A prevenção não depende só da inteligência, mas do credito dado a essas informações. A informação isolada não adianta. Pode ficar solta no cérebro e terminar descartada. Nada garante que venha a ser transformada em conhecimento, muito menos em sabedoria, para melhorar a qualidade de vida. Diga não as drogas é um método limitado, pois o adolescente pode ouvir um diga sim as drogas mais convincentes. (TIBA, 2003, p. 209).

Observa-se claramente, através dos de Santos em *A prevenção de drogas na escola* (1997), Pelt em *Filhos vencedores* (2006) e Tiba em *Anjos caídos* (2007), que os caminhos mais eficientes a serem perseverados, na questão da prevenção do consumo de drogas por jovens e adolescentes escolares seriam, de um lado, as ações dos pais, enquanto primeiros educadores dos filhos; e, do outro, a escola, com suas potencialidades de conhecimentos intelectualizados. No entanto, faz-se necessária uma parceira destas duas instituições na ação preventiva. É de conhecimento dos estudiosos da temática que a melhor forma de proteger os possíveis usuários de drogas é criar condições maturacionais próprias de prevenção e proteção contra as drogas e de preservação da saúde, considerando serem as drogas, sobretudo as ilícitas, instrumentos destruidores da saúde humana.

Estudos comprovam que:

A prevenção está ligada ao modelo de homem e de sociedade onde se insere, podendo seguir uma linha repressiva e de cunho alarmista, nos moldes da “pedagogia do terror”, ou então seguir uma linha mais compreensiva, de valorização do indivíduo, situando sua inserção no contexto social num quadro mais amplo de educação para a saúde. Estamos mais de acordo com o segundo modelo. Trabalhamos com o “modelo de educação efetiva”, o “modelo de estilo de vida saudável”, o “modelo de pressão positiva” e o “modelo de oferecimento de alternativas”. Nossa experiência comprova que a prevenção moderna ao uso indevido de drogas segue a trilogia: o amor, bom senso e informação. (SANTOS, 2004, p.60).

A autora esclarece, ainda, que a prevenção não pode ser um domínio apenas de especialistas, mas do conjunto de todos os atores que compõem a sociedade, ou seja, família, escola, saúde, justiça, serviço social, entre outros. A hipocrisia dos adultos ainda é um grande entrave nas ações de prevenção, pois usam abusivamente drogas legais e se resguardam quando dizem: “Faça o que eu digo, e não faça o que eu faço”.

Parafraseando o psiquiatra Dr. James Hawkins, citado por Pelt (2006), o uso de drogas é uma prática que os filhos aprendem também com os pais. “Todas as crianças imitam os pais,” (HAWKINS, *apud* PELT, 2006, p.106), afirma o médico. Se os pais têm condutas exemplares, o esperado é que os filhos sigam esse modelo. Porém, se a criança observa determinados comportamentos cotidianos em seus pais, como, por exemplo, tomarem comprimidos para dormir e, ao acordarem tomarem qualquer remédio para enfrentar o dia: quando sob tensão, recorrerem ao álcool para aliviar, é muito possível que essa criança veja, na banalização de tal atitude, exemplo a seguir e, portanto, passem a acreditar que a atitude adotada por seus pais é normal e, assim sendo, também ela pode optar por esse caminho de “fuga” aos seus próprios problemas. Outra razão forte que induz jovens ao consumo de drogas é a necessidade de fugir de questões emocionais. Quando esse fenômeno acontece, o problema já chegou a um grau crítico e sua ansiedade é em

resolver o conflito. Isso confirma a tese de que a maioria das pessoas usa drogas para acalmar suas ansiedades, acreditando que, através delas, sejam mais capazes de enfrentar seus dilemas. Daí observar-se claramente, na realidade social contemporânea, a grande atração que as drogas exercem sobre jovens e adolescentes.

É indiscutível o fato de que o uso de drogas é um mal que prejudica grande parte da sociedade. No entanto, há um consenso, no meio social, de que a maioria dos consumidores está entre jovens e adolescentes em idade escolar. Dessa forma, a escola é reconhecida como espaço ideal para se desenvolver políticas preventivas eficientes e seguras, preparando sua clientela para resistir às tentações do consumo de drogas, mesmo quando têm contato com elas. As teorias apontam para a tese de que conscientizar os jovens sobre os danos causados pelo consumo abusivo de drogas apresenta uma eficiência mais profícua que simplesmente proibir o seu uso.

Não muito diferente do que pensam os outros autores, Andreoli e Moreira (2009), que defendem o fortalecimento das relações dos alunos com a escola, porque através desse relacionamento é possível a escola desenvolver, além de todas as outras ações que já lhe cabem, uma intervenção preventiva. Para eles, ainda não existe consenso quanto a programas de maior ou menor eficiência para prevenção ao consumo de drogas.

Diante do exposto, observa-se que, na atualidade, a sociedade brasileira ainda está carente de ações efetivas de políticas públicas que busquem resgatar ou prevenir jovens das possibilidades do uso de substâncias psicoativas.

Ainda segundo Carlini (2010), as ações de prevenção ao consumo de drogas no Brasil apresentam muitas precariedades, quando comparadas aos países mais industrializados. A falta de continuidade das políticas públicas também se faz presente neste setor. Atualmente, percebem-se algumas iniciativas arrojadas e pertinentes do ponto de vista cultural e epidemiológico, com fins de modificação da realidade, a exemplo de programas como a “Valorização da Vida” e “Escola e vida”, muito embora as interrupções nestes programas, por questões políticas, sejam uma realidade.

Carlini Contrim, docente da Faculdade de Medicina preventiva de São Paulo, citada por Aquino (1998), comunga com os mesmos modelos de prevenção, sedimentados no conhecimento científico, na educação afetiva, no oferecimento de alternativas, no modelo de educação para a saúde, na modificação das condições de ensino, no oferecimento de serviços de saúde e no envolvimento de pais em atividades curriculares, que Carlini (2010) continua a defender como modelos eficientes na prevenção ao consumo de drogas, especialmente por adolescentes e jovens.

Silva (2010) apresenta alguns fatores associados à recaída. Entre eles, está a falta de apoio familiar, a falta de acompanhamento apropriado, o envolvimento com antigos

companheiros de uso, a ingestão de bebidas alcoólicas, a necessidade de aprovação social, além de frustrações diante de circunstâncias diversas.

1.1 A DEPENDÊNCIA QUÍMICA

De acordo com Esslinger e Kavács (1999), a dependência surge quando o usuário não consegue mais sobreviver sem o uso da droga. Psicologicamente, o indivíduo busca ingerir doses cada vez maiores. Sabe-se que o consumo frequentemente de produtos químicos causa efeitos danosos ao organismo. Os danos surgem principalmente quando a droga envolve a dependência física. A adicção ou dependência se caracteriza: pela natureza do ambiente em que vive; as características individuais do usuário e sua história no processo, além da origem farmacológica do processo, quantidade usada, frequência de uso e via de administração. Para efeito de clarificação, adicção, etimologicamente falando, relaciona-se à escravidão, ou seja, aquele que não tem mais o livre arbítrio de escolha afirmam Esslinger e Kavács (1999). Neste estágio, o usuário não faz mais escolhas, nem questiona mais nada; fica inerte diante da sua própria destruição e dos outros. A OMS define a dependência de duas formas:

- A física, com manifestações de dores, tremores, convulsões, com variações da droga e do indivíduo usuário, no ato de abstinência, ressaltando-se que não são todas as drogas que levam à dependência física;
- A psíquica, nesse modelo em que a droga produz prazer ou mal-estar, elemento mais comum entre as drogas, fenômeno comum entre as dependências.

Todavia, é importante clarificar que “o comportamento de dependência não se caracteriza pela quantidade de drogas ingeridas nem pelo fato de a droga ser legal ou ilegal, mas por não conseguir deixar de usá-la.” (ESSLINGER E KAVÁCS, 1999).

Numa concepção mais geral, ser dependente é

...Querer diminuir e não controlar o uso e não conseguir; continuar a usar a droga apesar dos danos que ela causa a sua vida; aumentar a dose para obter o mesmo efeito produzido antes por menor quantidade; falar muito em drogas e só andar com quem as usa; ter como única ou principal forma de lazer o uso de drogas; gastar boa parte do dia pensando em drogas, tentando obter a substância ou se recuperando dos efeitos dela (DETONI, 2006, p.78).

Quando o ser humano se torna dependente químico, a droga passa a ser uma companheira inseparável, “Sua vida vive em torno de atividades que permitam, de uma

forma ou de outra, a companhia da droga. Impossível viver sem a droga.” (PELT, 2006, p.110)

Quase todo dependente iniciou-se no uso de drogas por curiosidade, consumo esporádico sem muitas consequências. No entanto, aqueles que consomem o produto de forma intensa, para obter prazer, aliviar tensões, medos e ansiedades, aumentando cada vez mais as doses, caracterizam-se efetivamente como dependentes químicos, que se classificam em dependência física e psicológica.

Na dependência física, o indivíduo apresenta manifestações de ordem corporal, como tremores, náuseas, vômitos e até mesmo delírios sujeitos a óbito. Enquanto que a dependência psicológica se caracteriza por sinais de desconforto quando o usuário se abstém da droga, voluntária ou involuntariamente. Manifesta sensação de vazio, ansiedade e falta de concentração, o que sofre variação de acordo com o indivíduo.

Um usuário de droga, quando viciado, pode até separar-se dela, mas nunca do vício, que fica adormecido dentro do ex-usuário. A maioria dos jovens não tem noção do drama que causa a família. No entanto, é esta instituição a base fundamental para o resgate do filho quando dependente, (TIBA, 2007).

Ao contrário do que se comenta na ignorância popular, a dependência química não é uma estrada de via única. O tratamento pode ser complexo, no entanto precisa de tempo, voluntariedade e determinação por parte do usuário, para que os resultados sejam mais significativos. Nos casos mais graves faz-se necessário o empenho de uma equipe multidisciplinar, constituída por médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, terapeutas familiares, equipe de enfermagem, além de outros profissionais. Faz-se necessário ter consciência de que a droga tem um espaço importante na vida do dependente, e essa ruptura não acontece de forma mágica. Ao contrário, existe momento de dor e desespero, como são os momentos de abstinência, (NIEL e SILVEIRA, 2009).

Seibel (2010) compreende que a fase de desintoxicação e tratamento de natureza psicológica e social de usuários de drogas envolve três ou mais indivíduos: o usuário, a família ou seus substitutos que envolvam seu grupo socioafetivo, além de outras pessoas que estejam de alguma forma, envolvidas nas relações com o dependente.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Para dar conta dos objetivos propostos, desenvolveram-se estudos teóricos a partir de pesquisa bibliográfica em livros, teses, revistas e artigos científicos. Também se valeu da pesquisa empírica desenvolvida numa aproximação direta dos fatos.

O caráter explicativo da pesquisa se afirma nas ideias de Gil quando afirma que este modelo “tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou contribuem para as ocorrências dos fenômenos. Esta é a forma que mais aprofunda os conhecimentos da realidade, que explica a razão, o porquê das coisas” (GIL,1988, p.46).

Os elementos e instrumentos escolhidos para esta pesquisa permitiram que, ao final, pudessem apresentar os resultados de um processo que não tem a pretensão de ser absoluto, no entanto é verdadeiro, pois se buscou seguir os critérios de ordem técnica e metodológica do campo científico. O procedimento de escolha dos atores parte do entendimento de que o indivíduo é a própria materialidade da realidade em que vive, assim sendo, pode-se conhecer o social a partir de uma história particular.

[...] O homem [...] é o universal singular. Pelas suas práxis Sintéticas, singulariza seus atos a universalidade de uma estrutura social. Pela sua atividade retotalizadora, individualiza a generalidade de uma história social coletiva [...] se nós somos, se todo indivíduo é, a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma prática individual (FERRAROTI, 1988, p.26).

O estudo teórico contou com as concepções de Ciampa, que compreende a identidade como metamorfose (1994 e 2005). Nesta perspectiva, também pensam Leite e Dimenstein (2002), bem como Silva (2005), que vêem as mudanças que têm ocorrido no contexto da contemporaneidade.

Para Nóvoa (1995) e Imbernón (2007), os relatos de pessoas que vivenciaram as situações e experiências colaboram bastante no entendimento dos fatos. As experiências humanas podem colaborar efetivamente com o aprendizado das outras, em qualquer que seja a profissão.

Ainda sobre experiências humanas é possível afirmar que

[...] Só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma a sua identidade, num diálogo com seus contextos (MOITTA, 1995, p.116).

A dependência química é uma questão de natureza individual e pessoal, visto que é marcada pelo caráter subjetivo e complexo, assim sendo permite a utilização de metodologias de investigação que respeitem suas particularidades. Por assim ser, a presente pesquisa constitui-se como qualitativa, apresentando caráter exploratório e explicativo (CHIZZOTTI, 2002).

Os dados obtidos através de questionários foram interpretados à luz da técnica da análise de conteúdo, tendo em vista que: “[...] é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática [...] do conteúdo manifesto da comunicação” (BARDIN, 2004, p. 16). Desta forma, foi possível não só descrever e analisar as informações surgidas nas comunicações, bem como interpretar e comparar com a literatura e resultados expressos em outros estudos realizados.

De acordo com Teixeira, na abordagem qualitativa, “[...] o social é visto como um mundo de significados, passíveis de investigações e de linguagem dos atores e suas práticas, as matérias-primas dessa abordagem” (2005, p.140). Por esse motivo, recorreremos à utilização de técnicas de construção de informações que valorizassem os interlocutores desta pesquisa, recorrendo a questionários e entrevistas que permitiram compreender as causas e consequências do consumo de drogas por jovens e adolescentes em idade escolar, permitindo, dessa forma, que se buscassem pessoas para o centro da pesquisa.

A pesquisa empírica foi desenvolvida com base na abordagem qualitativa e quantitativa. Especialmente naquela, porque se compreende que a “[...] realidade é fluente e contraditória [...]” (CHIZOTTI, 2006, p. 26) e, dessa forma, permite o estudo de fenômenos que não podem ser facilmente descritos numericamente. Ainda de acordo com Minayo, a abordagem qualitativa “[...] trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos Valores e das atitudes [...]” (2007, p.21).

É possível ainda afirmar que: “[...], na análise do discurso, procura-se compreender a linguagem fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral constitutivo do Homem e da sua história” (ORLANDI, 2007, p.15). Dessa forma, permite-se relacionar discurso, contexto sócio-histórico e ideologia. Ainda na defesa de consistência de análise do discurso, o autor “explica que não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2007, P.15). Em outro momento, ele reitera que se deve “ouvir, naquilo que o sujeito diz aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 2007, p. 54). Em sentido textual, leiam-se as linhas e entrelinhas para um maior entendimento da ideia.

A opção por esse tipo de abordagem se deve ao fato de que os conflitos existentes não só nas relações de famílias, bem como nas escolas, causados por jovens e adolescentes usuários de drogas, são algo peculiar e devem ser investigados a partir da própria complexidade que os produzem historicamente. Isto levou ao entendimento de que a realidade, as formas de pensamento, as ações individuais e de grupos, as regras de convivências, os costumes e as instituições sociais, como a família e a escola, são organizações convencionais dos indivíduos e dos grupos sociais no decorrer de sua história. Assim sendo, a realidade é algo construído continuamente; não é algo pronto e acabado, porém modificado e mediado pela ação do Homem.

A pesquisa sofreu algumas alterações de laboratório, em função do esvaziamento do primeiro cenário, que seria uma escola pública do Estado do Piauí. No entanto, considerando-se o trabalho como um processo dinâmico por natureza, especialmente por ser uma pesquisa de cunho social, buscou-se trabalhar uma das unidades de tratamento de dependentes químicos da Fazenda da Paz, em Teresina, a Comunidade Luz e Vida. Lá foram aplicados 15 questionários aos internos da unidade que se encontra em processo de tratamento, o correspondente a 25% do universo investigado. Este fato aconteceu após visitas de observação e reconhecimento do espaço e suas rotinas. Achou-se por bem entrevistar o coordenador geral da Fazenda e uma funcionária, objetivando ter um maior conhecimento do projeto e sua eficácia social. Entrevistou-se também a atual diretora da escola que seria o laboratório da pesquisa proposto anteriormente, que, por coincidência, é mãe de um antigo dependente químico e que contribuiu, de forma valorosa, com sua história de vida.

O processo de construção e análise dos dados foi desenvolvido em três momentos distintos. No primeiro, visou-se um maior aprofundamento teórico relativamente à questão das drogas e suas implicações nas práticas sociais e de saúde pública. Em seguida, definiram-se os espaços e os atores e instrumentos a serem utilizados no processo de construção da pesquisa. Por fim, após a junção dos elementos, passou-se a fazer efetivamente a leitura dos dados, discutindo-os à luz das teorias vigentes e construindo uma nova abordagem sobre a questão das drogas em um espaço delimitado na cidade de Teresina.

Para os internos da unidade, a escolha por um questionário fechado visou facilitar a colaboração dos usuários e poder extrair, com maior segurança, o máximo de informações de forma clara e precisa, tendo em vista as grandes dificuldades impostas pela casa, em função da burocracia estabelecida pela Fazenda para acesso de pesquisadores. Pelo fato de ter havido um diálogo prévio com os dependentes que iriam responder ao questionário e assim compor a amostra que se pretendia obter, não houve nenhuma dificuldade de colaboração por parte deles, pelo contrário, atenderam à solicitação prontamente

As análises tiveram início com as questões fechadas, através de gráficos, e posteriormente seguindo de algumas reflexões de cunho observativo.

3 DISCUSSÕES E RESULTADOS

O conhecimento produzido nas universidades é registrado e transmitido por meio de uma linguagem que busca preservar a exatidão máxima dos fenômenos naturais e humanos estudados que são armazenados em suas bibliotecas. (XAVIER, 2010).

A fazenda da Paz é uma ONG, idealizada pelo missionário Pe. Pedro Balzi, em parceria com leigos ligados à arquidiocese de Teresina, no Piauí. Teve sua origem em 26 de junho de 1994 e reconhecida como de Utilidade Pública Municipal através da Lei nº 2.456/96 de 18/01/96 e também reconhecida como de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº 5.314/03 de 17/07/03, publicada no Diário Oficial do dia 17 de julho de 2003.

A instituição gerencia três unidades de atendimento a dependentes químicos. São elas: **Terra da Esperança e Flor de Maria, no município de Timon-Ma**, e a **Comunidade Luz e Vida**, no povoado Cacimba Velha, no Município de Teresina, no Piauí. Sua sede está localizada na Rua Governador Tibério Nunes, 150, Bairro Cabral, em Teresina.

O tratamento oferecido pela fazenda é muito natural, à base de espiritualidade, disciplina, trabalho e conscientização com acompanhamentos terapêuticos, sem o uso de medicamento farmacêutico.

Para ingressar no tratamento oferecido pela instituição, o dependente químico precisa manifestar não só o desejo sincero e livre para receber o tratamento, bem como aceitar as regras estabelecidas para o funcionamento da casa, que segue o seguinte processo: inicialmente uma entrevista com um agente do projeto para conhecimento do trabalho. Em seguida, o interessado passa a frequentar o grupo do NATA (Núcleo de Apoio ao Toxicômano e Alcoólatra). No terceiro momento, são realizados exames clínicos e laboratoriais. Por último, é feita uma entrevista com o terapeuta. Vale ressaltar a obrigatoriedade do empenho da família no acompanhamento do processo de tratamento do dependente.

O procedimento inicial do trabalho de tratamento é feito no encontro do dependente consigo mesmo. Posteriormente acontece a iniciação na laborterapia, quando o dependente é inserido em uma rotina de trabalho diário, para que faça uma desintoxicação pelo suor do trabalho. A disciplina é outro fator determinante para que ele possa compreender os limites, respeitando a si e ao seu próximo na comunidade. O aspecto da conscientização se torna um eixo fundamental para trabalhar a questão do seu interior, com seus defeitos de caráter e fortalecer sua responsabilidade para o bem.

O atendimento terapêutico baseia-se nos doze passos do AA (Alcoólatras Anônimos) com reuniões de valor, confrontos, sentimentos, dinâmicas de grupo e estudos dos doze passos, elaborando, dessa forma a reorganização da psique do indivíduo na confiança do próximo, com sessões de acupuntura auricular, florais e reorganização mental.

Para a instituição, é mais valoroso e eficaz prevenir do que tratar, por isso mantém equipes capacitadas para ministrar trabalhos de prevenção em escolas, clubes de serviços, empresas e instituições religiosas.

Componentes dos familiares atingidos com o problema da droga encontram na Fazenda da Paz, apoio para reconstruir os alicerces necessários através dos grupos de ajuda e atendimento individual.

As oficinas profissionalizantes são também instrumentos de reinserção social, preparando seus assistidos na arte de marcenaria, mecânica de motos, culinária, estética, torneiro mecânico, produção de cajuína, entre outras atividades com fins de preparação de mão-de-obra.

A partir das investigações realizadas na Comunidade Luz e Vida, a única em que houve permissão para aplicação de questionários e em que existem atualmente sessenta internos com faixa de idade entre 14 e 28 anos, obtiveram-se os seguintes resultados, conforme explanação nos gráficos abaixo:

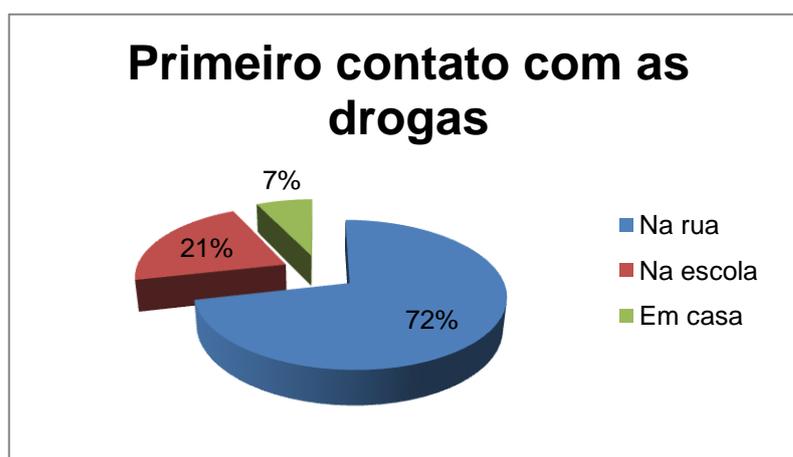


Gráfico : 01
Fonte: Pesquisa direta

O primeiro contato com as drogas é sempre em momento marcante na vida do usuário. O gráfico 5 diz que 7% do grupo de usuários hoje internos da Comunidade Luz e Vida tiveram os seus primeiros contatos com as drogas na rua, 21% na escola e 7% na própria casa nas mais diversas situações.

A teoria é comprovada quando se confirma que

A escola é o local em que os jovens mais associam ao consumo de drogas, segundo pesquisa divulgada pela UNESCO em 2001. Cerca de 40% dos alunos ouvidos em 340 escolas públicas e particulares de 14 capitais brasileiras disseram ter visto uso de drogas nas proximidades das escolas, e 30% presenciaram um colega usando drogas nas dependências da instituição. Os dados da UNESCO, obtidos com estudantes do ensino médio e fundamental confirmaram o que muitos profissionais da educação já sabiam. Uma pesquisa do

Sindicato de Especialista do Magistério Oficial de São Paulo, realizada no final de 2000, em 496 escolas estaduais, revelou que nas imediações de 48% delas havia tráfico de drogas e em 24% o comércio de entorpecentes ocorria dentro da própria escola. Mas, ao contrário do que muitos pais imaginam, os problemas das drogas não são exclusivos das escolas públicas de periferia. As escolas particulares também são vítima do problema (DETONI, 2006, p.86).

Os dados apresentados pela autora reforça a necessidade das escolas juntamente com seus educadores estarem alerta para os perigos que circula estas instituições, sobretudo considerando a vulnerabilidade do alunado. Por mais que os dados sejam omitidos por muitos deles, a realidade é fato incontestável.

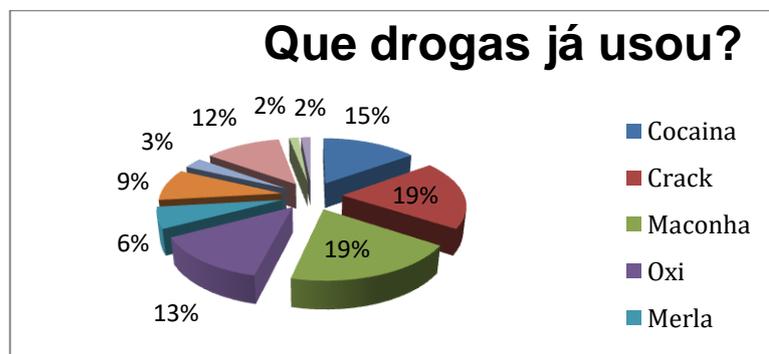


Gráfico: 02
Fonte: Pesquisa direta

É, de certa forma, surpreendente o que apresenta o gráfico 6, a desenvoltura do crack ao lado da maconha, que é um produto de uso mais antigo, até pela sua existência, empatados com 19%, seguidos do oxi, uma das mais novas drogas do mercado, com um alto teor de destruição do organismo, com 15%. Em seguida, surge um produto de muita acessibilidade, que são os solventes, com 13%, seguido dos inalantes, com 12%. A merla, não muito comum no mercado atual, surge com um índice de 9% e a heroína, com 6%, e finalmente o daime, com 1%.

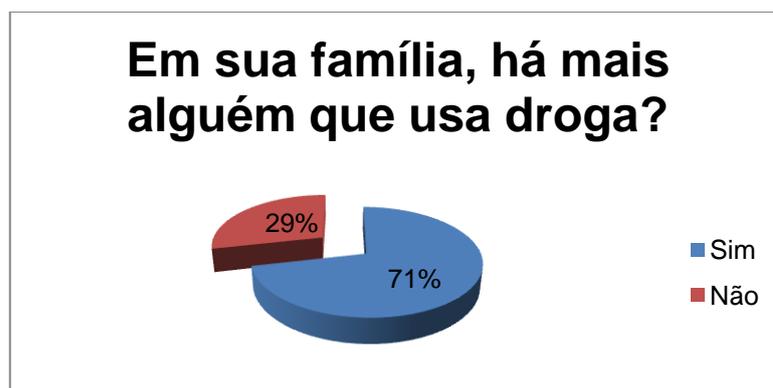


Gráfico:03
Fonte: Pesquisa direta

Outro fato surpreendente é demonstrado no gráfico 12, no qual 71% dos usuários admitem ter, na família, pessoas que usam drogas. Apenas 29% negam o fato.

De acordo com Roriz (1985), a família pode ser uma fonte de risco quando há envolvimento de pais ou irmãos mais velhos; pais que maltratam, desrespeitam a individualidade dos membros de suas famílias, desestruturam as relações familiares e espirituais. Dessa forma, pais precisam entender o que seja nutrição



Gráfico: 04
Fonte: Pesquisa direta

Segundo Tiba (2003), adolescentes e jovens que usam drogas observam a vida com óculos escuros. A droga chega a suas vidas como uma paquera, em pouco tempo vira amante, e, em seguida, um caso complicado Talvez por isso, o gráfico 13 mostra que 64% já tentaram deixar as drogas, e não conseguiram 29% tiveram tentativas frustrantes e apenas 7% tentaram.

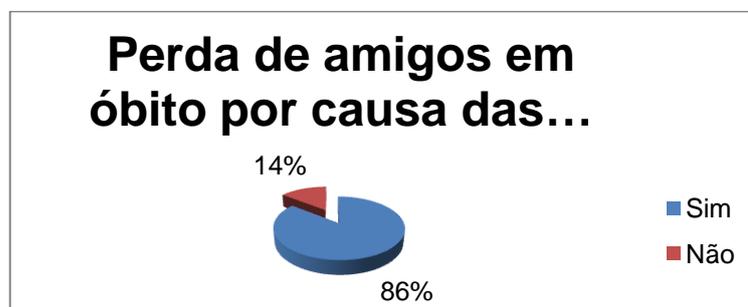


Gráfico: 05
Fonte: Pesquisa direta

Não é novidade o fato de que as drogas são uma opção de perdedor. Neste sentido, o gráfico 15 demonstra que 86% dos dependentes responderam que, de alguma forma, perderam amigos para as drogas. Inclusive em óbito, sendo que apenas 14% afirmam não terem perdido amigos nesta situação.

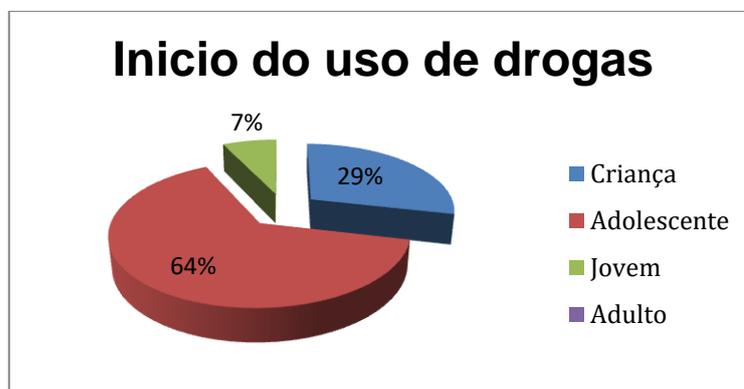


Gráfico: 06
Fonte: Pesquisa direta

A iniciação ao consumo de drogas é muito relativa, as oportunidades é que vão definir a época de cada dependente. O gráfico 17 diz que 64% dos usuários aderem ao uso de droga na adolescência, 29% quando crianças e apenas 7% na juventude.

Para Detoni (2006), a adolescência é uma fase de grandes turbulências na transição da vida infantil para a vida adulta, na qual o consumo de drogas tem se tornado cada vez mais comum.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso abusivo de drogas tornou-se um problema social apenas no final do século XIX, sobretudo nos países ocidentais, muito embora o uso de drogas psicoativas de forma sistemática seja uma prática milenar (FIORE, 2006). Todas as leituras de natureza teórica e da realidade permitem chegar a algumas conclusões, entre elas o fato de que quase todo dependente entrou neste submundo achando que teria o controle da situação, e isto não se configurou em verdade. A maioria dos jovens entra sorrindo no mundo das drogas, e chora por não conseguir sair. O que antes era fantástico passou a ser doloroso, e sombrio.

Entretanto, verificou-se, na análise dos dados colhidos através de questionários e entrevistas, que as drogas provocam profundos danos, sobretudo no âmbito familiar, como o preconceito, a desorientação, conflitos, desestabilização e aflições.

Outro fato percebido claramente foi a falta de acompanhamento dos filhos ao chegarem à adolescência. Alguns pais acreditam na auto-suficiência dos filhos na

adolescência, o que é um equívoco inadmissível para uma faixa etária cheia de insegurança e fragilidade.

Aspectos também de grande relevância, identificado não somente na parte empírica da pesquisa, como também nas literaturas, é o reconhecimento de que a participação da família é fundamental não somente na prevenção, como também no tratamento e na recuperação do dependente químico, tendo em vista ser a família a principal instituição defensora e multiplicadora de valores e sentimentos de amor, carinho e outros suportes de natureza afetivos tão necessários ao homem na superação dos obstáculos que surgem no decorrer da vida.

Após inúmeras leituras de natureza teórica e da realidade investigada, observou-se, nesse contexto, que a prática continuada de consumo de substâncias psicoativas pode produzir patologias psíquicas mesmo em estágio de uso voluntário. Ao desenvolver a dependência, o organismo torna-se escravo da droga, com o consumo descontrolado, fazendo com que o usuário se desfaça do amor próprio, rompendo com valores sociais e familiares, pilares da cidadania.

O estudo também demonstra que o consumo de drogas, especialmente as ilícitas altera significativamente os mecanismos cerebrais que asseguram a memória, e a percepção, o humor e as emoções de forma geral. Essas alterações de natureza cerebral podem demorar muito tempo para se normalizar e, até mesmo tornar-se irreversíveis. Há casos críticos em que o usuário vai a óbito. Tal distorção cerebral pode levar ao comprometimento de ordem cognitiva e emocional, o que caracteriza um usuário em estágio de dependência. Todo esse debate nos leva a crer que a dependência química seja uma doença psíquica que altera as funções do cérebro.

Outro fato notadamente identificado é a questão da prevenção. Ainda são muito tímidos ações neste sentido. Observa-se que as organizações privadas têm ações mais efetivas que o poder público, ocorrendo aí uma inversão de papéis. É fácil identificar que os educadores não estão preparados para discutir, com segurança, esta temática junto a seus alunos, faltando, por parte das escolas, projetos não somente de prevenção, mas também de capacitação de educadores para o enfrentamento da causa.

Os mecanismos de prevenção devem dar condições não só a docentes, familiares e sociedade, bem como adolescentes e jovens precisam tomar conhecimento das causas e consequências do consumo de drogas para a vida de seus usuários. São esses conhecimentos que certamente irão contribuir com os projetos de prevenção do uso desses produtos. Ações estas, de acordo com as investigações desta pesquisa, devem visar a valorização da vida e criar condições de libertação do indivíduo dependente químico.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, JulioGroppa.(1998). **Drogas na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus.
- CHIZOTTI, A. (2006). **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes.
- CIAMPA, A da C; LANE, S.T.M e CODO, W. (1994). **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense.
- FERRAROTI, F. “Sobre a autonomia do método biográfico”. *In*: NÓVOA, A. e FINGER, M. (Orgs.)(1988)**O método (auto)biográfico e a formação**.Lisboa: Ministério da Saúde – Departamento de recursos humanos.
- GIL, Antonio Carlos. (1988). **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas.
- IMBERNÓN, Francesc. (2007). “Aprender com Histórias de Vida.” *In*: **Revista Pátio**. Ano XI, n. 43, ago./out. Porto Alegre: Artmed. (p.8-11).
- LEITE, Jáder F. e DIMENSTEIN, Magda (2002). “Mal-estar na psicologia: a insurreição da subjetividade”. *In*: **Rev. Mal-Estar Subj. [online]**. V. 2, n.2, (9-26).
- KOVÁCS, M.J. e ESSEINEER, I. (1999).**Adolescência**: Vida ou morte? São Paulo: Ática.
- MOITA, M. da C. “Percursos de formação e transformação.” *In*: NÓVOA, A. (Org.). (1995). **Vida de professores**. Porto: Porto Editora. (p.111-140).
- MOREIRA, F.G.; NIEL, M. e SILVEIRA, D X. (2009). **Drogas, família e adolescência**. São Paulo: Atheneu.
- NIEL, M. e SILVEIRA, D. X. “Dependência química tem tratamento”. *In*: NIEL, M.: MOREIRA, F. G. e SILVEIRA, D. X. da. (2009). **Drogas famílias e adolescência**. São Paulo. Atheneu, (p.106-109).
- NÓVOA, A. (1995). “A formação de professores e formação docente”. *In*: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, (p.15-34).
- ORLANDI, E. P. (1994). Discurso, imaginário social e conhecimento. *In*: **Em Alberto: Brasília**, ano 14, n.61, jan/mar. (p. 53-59).
- PELT, Nancy Vam. (2006).**Como formar filhos vencedores**. São Paulo: ABDR.
- ROIZ, José. (1998).**Pais e drogas**. Belo Horizonte:CEJOTA.
- ROBAINA, José Vicente Lima. (2010). **Drogas**: O papel do educador na prevenção ou uso. Porto Alegre: Mediação.
- SANTOS, Rosa Maria Silvestre. (1997). **Prevenção de drogas na escola**: uma abordagem psíquica dramática. Campinas, SP: Papirus.
- SEIBEL, Sérgio Dário. (2010).**Dependência de drogas**. 2. ed. São Paulo: Atheneu.
- SILVA, R. N. (2005). “A globalização do social”. *In*: SILVA, R. N. **A invenção da Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Vozes. (p. 110-128).
- TIBA, Içami. (1999).**Anjos caídos**. 14. ed. São Paulo: Gente.